

LEITE, Roberto de Paula. Cancioneiro da saudade. Diário do Povo, Campinas, 23 mar. 1960.

# Cancioneiro da Saudade

Diário do Povo  
23.3.60

Roberto de Paula Leite

(Especial para esta página)  
Fernandes Soares, estréia com: «Cancioneiros da Saudade». É trabalho em que o poeta apresenta, ao lado da coordenada «saudade», outros tantos vocábulos, os quais, exprimem seu modo de encarar a Vida.

É verdade, esse poeta não pode ser considerado de vanguarda, mas também, não se lhe pode negar certo sentido libertário em seus versos, embora sigam eles determinada regra. O efeito objetivado pelo poeta foi, sem dúvida, o de atingir um ponto musical em que o jogo de sílabas viesse produzir no aparelho auditivo do leitor um encantamento qualquer. Está claro, não se trata de rebuscador que tenta novas pesquisas ou outras soluções. As palavras pouco importam, podem ser raras ou banais. O que é válido, para ele, é o som. E, diga-se, conseguiu realizar a tarefa a que se propôs, pois, «Cancioneiro da Saudade» transmite a preocupação da sonoridade final. Ademais, poder-se-á divergir da temática do esteta, mas, deve-se-lhe respeitar, mesmo porque à medida que o processo histórico se desenrola, verificamos que aumenta a resistência aos impulsos matemáticos que alguns desejam coarçar a poesia.

Por outro lado, há ritmo, eufonia, embora as constantes maiores não sejam essas. O autor subordina-se, ao que denominaríamos de linhagem foneticista, ou seja, é um amante da música, da concessão ao auditivo. De resto, grandes poetas no passado trilharam a mesma senda. Sem preocupações maiores, sem forçar uma temática original, conseguiu realizar um melgo, doce lirismo. Comum ou humilde, poderíamos acrescentar, mas agradável. Sua liberdade não é totalmente absoluta, porquanto, vê-se obrigado a seguir os cânones métricos, os quais, disciplinam o poder verbal, restringindo, muitas vezes, o sentido criador, isto é, a imaginação ou a fantasia do autor, a qual, caminha através de regras e leis adrede preparadas a fim de moldar o pensamento à forma rígida, ou ditando-lhe as exigências do gosto. É sabido que o pensamento se deforma, perde muito de sua importância, restringe seu movimento, quando se vê tolhido pelas rédes da poesia versificada.

O A. é autêntico. Faz parte da sua verdadeira personalidade e vocação, o amor ao ritmo, à poesia versificada, a quadra, para sermos mais precisos. Dir-se-á que é uma resultante de suas raízes fisiológicas, as quais condicionam toda a criação por intermédio das manifestações da inteligência e da sensibilidade. Sem se preocupar com outras coisas, a não ser a linguagem musical, o livro em foco reflete um poeta místico, com fortes tendências patenísticas, a despeito de concepcionalmente ser lírico. Todavia, menospreza o detalhe, o portador menor poético. Não o perturba, a metafísica, nem a filosofia.

O A. é bem brasileiro. É um sentimental. Suas imagens, idéias, formam, sem exagero, um canto. Os símbolos, as metáforas, transmitem uma mensagem imaginativa em que o objeto a ser colimado é o de sugerir emoções. Emprega, por vezes, recursos oratórios dissonantes, artificios de função transitória e que produzem resultados estereis. Contudo, de um modo geral agrada ao leitor comum, sobretudo aquele apreciador de substâncias musicais.

Quase todos os versos mencionam a existência de uma consciência mística. Vejamos:

«Nossa Senhora das Dóres  
ó Virgem da Soledade  
Sete espadas, sete flôres,  
padroeira da saudade.»

Ou, então, esta outra:

«Abre a rosa da manhã,  
A terra parece calma.  
Tenho saudade da noite  
que santificou minha alma!»

Ou:

«É perfume de ventura,  
aroma de santidade.  
Infinito de ternura,  
ó saudade da saudade!»

Misturam-se sentimentos de

catolicidade, natureza, amor. Assim, por exemplo, verificamos, à guisa de curiosidade de que o A. empregou em suas cento-e-três páginas, vinte vezes o vocábulo «Flôr», treze, a palavra «rosa»; onze o substantivo «mar». Poderíamos acrescentar, ainda, o uso freqüente de «jardim», «amor», «dor», «ansiedade», «serenidade», «bondade», «coração», «montanha», «melancolia», «canção», «sonho», «laranjeira», «tristeza», «palmeiras» e «santidade».

Seu esforço poético é um roteiro da saudade. Havia a necessidade de alguém se interessar de modo mais vertical, poeticamente falando, por essa temática tão conhecida, mas tão mal aproveitada. Cumpre salientar, também, não obstante ser a saudade o denominador comum do livro, nem por isso, outros assuntos deixam de se situar carinhosamente. Escolhermos, ao acaso, uma quadra qualquer.

«Saudade, angústia de tudo,  
desejo de regressar.  
É um sofrimento mudo,  
gostoso de cultivar.»

Ou:

«O mar no seu vai-e-vem,  
melodia da ternidade.»

A presença da humildade:

«Irmão Francisco de Assis,  
missionário da humildade,  
Nosso Senhor assim quis  
que abençoaste a saudade.»

A natureza tropical:

«Gostoso cheiro de manga,  
perfume de laranjeira...  
doce aroma da saudade,  
minha santa companheira.»

O panteísmo sempre terno:

«A árvore protege a terra,  
teto verde de bondade.  
E sua sombra benfazeja  
é ternura de saudade.»

Ou, ainda, o mistério do mar:

«Tranqüilidade do mar,  
mistério e serenidade.  
Na triste praia da ausência,  
a presença da saudade.»

E, por aí vai adiante. A mensagem de Fernandes Soares é um hino de paz, de amor, de tranqüilidade. Uma exortação à prece, a solidariedade entre os homens. Não é agressivo. A temática embora deixe a desejar do ponto-de-vista estético, por outro lado, constitui uma esperança nos corações de todos os que lêem. É possível que não agrade nem convença a muitos. Mas, isso não é importante. O essencial, é dizer alguma coisa a alguém, com relativo êxito. É bom não esquecermos ser o século vinte, coletivista por exciência. Dai, a necessidade de sermos participantes. E, o A., consciente ou inconscientemente, o é. E, isso já é suficiente.